

Mariana Leite
de Almeida

Mestranda em
Artes Visuais pelo
PPGAV da UFPEL.
marianaleitealmeida
@gmail.com

Lúcia Bergamaschi
Costa Weymar

Professora Adjunta
dos Cursos de
Design e do
Mestrado em Artes
Visuais no Centro
de Artes da UFPEL.
luciaweymar@
gmail.com

Ativismo virtual do afeto nos paradoxos contemporâneos e nas movimentações sociais

Virtual activism of affection in contemporary paradoxes and in social movements

Resumo: Viver na contemporaneidade é estar ciente dos paradoxos que definem nossas relações e de seus reflexos nas ações cotidianas. Unir experiências estéticas frívolas e políticas é um bom caminho para começarmos a configurar um mundo mais amoroso, coletivo e socialmente motivado. Assim, na busca por um saber sensível e por perceber o afeto inerente às ações cotidianas, encontramos no ativismo virtual importante ferramenta social que propõe um mundo mais sensível e uma maior preocupação com o *outro*.

Palavras-chave: paradoxos contemporâneos; afeto; educação estética; movimentações sociais; ativismo virtual

Abstract: *To live in contemporary times is to be conscious of paradoxes which define our relationships and their consequences in everyday actions. Approximating frivolous and aesthetic political experiences is a good way to begin to set up a more loving, collective and socially driven world. Thus, when we seek a sensitive kind of knowledge and to bring out the affection inherent in everyday actions, we find in virtual activism an important social tool that proposes a more sensible world, and greater concern for the other.*

Keywords: *contemporary paradoxes; affection; aesthetic education; social movements; virtual activism*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apressados, rodeados de lixo físico, atolados de lixo mental e, por outro lado, libertos em nossas paixões cotidianas e motivações de vida, edificamos nossa existência nos paradoxos do *tempo*, que cura e fere,

e do *espaço*, que mostra e esconde. Dicotomias que representam as experiências diárias da contemporaneidade e colaboram para a formação de seres cada vez mais sensíveis, sábios e decididos; e, por outro lado, constantemente informatizados, inseguros e duvidosos. Viver na era do “quase livre” acesso à informação – que por vezes se torna excessiva e superficial – não é tarefa fácil, mas tem lá suas vantagens.

Tendemos a acreditar que o mundo configurou-se de modo completamente diferente no momento em que os princípios da “modernidade” foram considerados ideais já ultrapassados. Passamos a falar em “pós-modernidade” e construímos uma barreira – monumental, blindada e imaginária – entre as duas formas supostamente contraditórias de se pensar o mundo. O problema – que talvez nem mesmo se configure definitivamente enquanto algo negativo – foi que percebemos que os pontos de vista, formas de pensar e maneiras de agir eram, às vezes, muito distantes da modernidade e, em outras, muito próximos. Descobrimos, assim, e para além dessa questão, a pluralidade da nossa época. Passamos a sentir seus efeitos e a questionar tais relações de similaridades e diferenciações.

Este artigo é parte de uma pesquisa maior na qual apresento inicialmente os paradoxos e dicotomias pós-modernos que ainda conservam características da modernidade como reflexo e sombra. Tais ambivalências mostram as relações de similaridades e diferenciações desta época através de dois sociólogos com posicionamentos contrários: Michel Maffesoli, francês admirador e defensor das novas configurações sociais e comunicacionais, e Zigmunt Bauman, polonês delator da perda de referências políticas, culturais e morais da civilização e crítico ferrenho da banalização política vivida hoje. Ambas as teorizações são importantes para entender como a educação estética e do sensível e o ativismo virtual e de ação se configuram como importantes para a construção de um mundo mais afetivo e preocupado com as paixões cotidianas. Coloco-

me, aqui, como pesquisadora em dúvida visto que ora acredito que a reflexões de Maffesoli dão conta do que pretendo mostrar através do viés da comunhão social, e, ora, descubro em Bauman o suporte necessário para discutir os problemas sociais que indiciam a despreocupação atual com experiências estéticas cotidianas. Acredito que os posicionamentos contraditórios, confrontados ao longo do texto, são seminais para a construção do conhecimento a ser gerado neste artigo.

Esta reflexão é dividida em duas partes principais. Na primeira, apresento certos paradoxos contemporâneos próprios das nossas vivências diárias, assim como observações sobre a quantidade e qualidade das experiências estéticas vividas na pós-modernidade. Na segunda parte, exponho como compreendo a movimentação ativa da sociedade enquanto uma maneira de construir um mundo mais sensível, no qual a atenção é voltada ao afeto presente nas ações cotidianas. Para a construção teórica do artigo realizo revisão bibliográfica na qual apóio-me em Michel Maffesoli para discutir características da pós-modernidade e experiências estéticas cotidianas, frívolas ou não; em Zigmunt Bauman para analisar uma perceptível falta de movimentação social no período que vivemos, que ainda possui diversas características da modernidade do século passado e, enfim, em João Francisco Duarte Júnior para apresentar questões relativas ao saber sensível e à educação estética como formas de configurar o mundo de modo mais afetivo. Ponderando, principalmente, entre as opiniões contrárias de Maffesoli e Bauman, sustento minha discussão e minha escrita nas diferentes possibilidades de interpretações e pontos de vistas característicos do tempo no qual que vivemos.

PARADOXOS CONTEMPORÂNEOS E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS

Ao pensar o mundo que nos rodeia e as engrenagens que o movem, percebemos, não raramente, que a sociedade nem sempre é

tão pós-moderna quanto apresenta. Tanto Maffesoli quanto Bauman entendem e reconhecem reflexos da modernidade no nosso tempo. Todavia, ainda assim, discordam, por vezes, da forma como esses reflexos são vistos e vividos no âmbito social e público, assim como, da maneira como nomeiam a contemporaneidade. Logo, a pergunta que fica ao problematizarmos as teorias dos autores em relação às características atuais e ao cotidiano experienciado é, essencialmente, uma: *como a sociedade, tão preocupada em se definir pós-moderna, ainda apresenta tantas características similares às da modernidade?*

Maffesoli vê os reflexos da modernidade na época que vivenciamos, mas não deixa de acreditar que, sim, vivemos a pós-modernidade, que sugere uma

(..) ordem comunicacional, simbólica em seu sentido mais forte, uma ordem que, depois do parêntese da modernidade, fundado no *principium individuationis*, reencontra o *principium relationis* das sociedades tradicionais ou primitivas (MAFFESOLI, 1995, p. 78).

Para o autor, o período vivido hoje, após anos de segmentação e individualismo, alude a uma maior inclinação à coletividade e à valorização do estar-junto (tanto através da convivência física, quanto da relação permeada pela tecnologia virtual, por exemplo). A pós-modernidade, para Maffesoli (1998), representa o politeísmo e a diversidade da vida cotidiana.

Não se pode negar que a reflexão sobre as diversidades e as aglomerações de pessoas em coletivos unidos por interesses em comum é cada vez mais recorrente. Organizamo-nos, principalmente através das redes sociais, em grupos ou tribos – agrupamentos semi-estruturados, constituídos por pessoas que se aproximam por identificações e estilo de vida em comum (MAFFESOLI, 1998) – cujas

relações são permeadas pela vontade de fazer parte da coletividade e, ao mesmo tempo, pela ansiedade de ver no *outro* um pouco de nós mesmos. Viver na pós modernidade, como anunciaria o autor francês, é, com certeza, viver permeado por uma infinidade de realidades que ultrapassam os limites do indivíduo e que, assim, configuram a tamanha pluralidade existente no mundo. Todavia, será mesmo que essa inclinação à coletividade, que por vezes mostra-se vazia e sem finalidade, realmente faz com que percamos as características individualistas próprias da modernidade?

Ver as notícias veiculadas na televisão ou mesmo as atividades expostas nas mídias alternativas, como a internet, é um grande indício do individualismo arraigado vivido desde sempre e da racionalidade instrumental ainda vivida. Segundo Bauman (1998), a modernidade representava um crescente predomínio da racionalidade instrumental que operava, principalmente, através da ciência e do Estado; a racionalização da sociedade tinha como objetivo, por parte da ciência, eliminar todas as incertezas e indeterminações, da mesma forma que por parte do Estado, o objetivo era a eliminação das contradições internas, ou seja, a exclusão de quem não se adaptasse ao sistema. Assim, a modernidade, que para alguns supostamente deixou de existir, apenas se configura de uma forma diferente para Bauman, sem deixar de ser a velha e, muitas vezes, indesejada modernidade (mais líquida e escorregadia do que nunca, mas pouco diferente de antes).

Assim, para Bauman (2001, p.14), o termo pós-modernidade é tratado enquanto *modernidade líquida* que nada mais é do que “uma versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem, principalmente, sobre os ombros do indivíduo”. A questão é que não sabemos lidar com tal responsabilidade e pecamos ao desistir de agir. A partir do ponto de vista do autor polonês, diversos aspectos pioraram, em muito, nos dias atuais: es-

tamos cada vez mais apressados, ocupados com nossas atualizações de *status* nas redes sociais, dedicados a mostrar como somos felizes, como nossas vidas são perfeitas e como nossos bens são os mais atualizados do mercado. Se não bastasse, somos constantemente reféns dos nossos próprios pensamentos reducionistas e, gradativamente, menos capazes de refletir sobre nossas próprias liberdades: sinais claros da sociedade adoentada que despende tempo e energia em superficialidades.

Mas não exageremos, claro que superficialidades e frivolidade são normais no cotidiano e, igualmente, importantes para o desenvolvimento de nossas personalidades. O banal, o corriqueiro e o diário propiciam experiências estéticas relevantes para a construção da visão de mundo e para uma formação socialmente crítica. Experiências estéticas cotidianas, constantemente em construção durante nossa vida, sugerem, quase que automaticamente, as premissas da coletividade, da comunhão social, da valorização do estar-junto e do afeto. Assim, é compreensível, até mesmo desejável, acreditarmos que “em todos os domínios, do mais sério ao mais frívolo, dos diversos jogos de faz-de-conta ao jogo político, na ordem do trabalho como na dos lazeres, bem como nas diversas instituições, a paixão, o sentimento, a emoção e o afeto (re)exercem um papel privilegiado” (MAFFESOLI, 1998, p. 22). São estes, sempre e quase em qualquer âmbito, grandes motivadores, tanto pessoais quanto coletivos, já que propiciam a união em torno de alguma instância comum.

Um dos problemas da contemporaneidade, aliado aos novos paradigmas de tempo e espaço – ritmo acelerado e dissolução das fronteiras físicas –, é, justamente, que essas experiências estéticas, principalmente na esfera do sensível e do cotidiano, estão cada vez mais raras (DUARTE JR., 2000). Mal temos tempo, e nem mesmo contato e vivência física, para experienciar os espaços que nos rodeiam. Para autores como Maffesoli, vivemos, na contemporaneidade, a valorização do cotidiano, o hedonismo e a busca pelos prazeres e pe-

las atividades que nos mantêm felizes. Porém, nem sempre é assim. Obviamente, existem discussões sobre a relevância da valorização do cotidiano em diversos aspectos, principalmente em relação à arte ou, então, à vida saudável; todavia, estamos gradativamente mais encurralados em nossas carreiras profissionais e em práticas que nos distanciam de experiências estéticas fundamentais.

Não temos mais tempo para “frivolidades”, essas experiências anôdinas do cotidiano, mas que possuem importância por formar e sedimentar microlabores que fomentam nossa base comunicacional (MAFFESOLI, 2005). Não temos mais tempo para voltar a atenção às nossas vivências mais banais e corriqueiras e, nem mesmo, para as relações sensíveis com o mundo que nos rodeia (DUARTE JR., 2000). O mercado de trabalho nos mostra diariamente como precisamos nos portar para alcançar a vida dos sonhos (vida, esta, associada diretamente à dedicação profissional quase que exclusiva e ao aumento de poder consumidor). E qual é a fórmula mágica para conseguir tudo isso? Trabalhar muito, é claro. Logo, não é raro ouvirmos frases como “meu dia deveria ter 48 horas”. O irônico é que, mesmo com toda a evolução tecnológica que deveria ajudar-nos a ter mais tempo livre e poder dedicá-lo a atividades de lazer, uma das premissas desde a Revolução Industrial, faz com que despendemos mais e mais tempo no trabalho. O incentivo pela alta produtividade cega-nos, impede, muitas vezes, que percebamos a importância dos acontecimentos banais e das ações cotidianas mais simples com as quais temos contato diariamente. É a constante a ideia de desperdício de tempo que nos assombra quando não estamos de fato sendo produtivos profissionalmente ou em qualquer outro aspecto. Ganhamos mais tempo com a evolução tecnológica e, ao mesmo tempo, todavia, o perdemos ao desvalorizar o que não é efetivamente prolífero e bem-sucedido.

Parece que estes aspectos estão ligados à carência de experiências estéticas, ou à falta de atenção e reflexão sobre elas. Como

sujeito dúbio que sou, ressalto que talvez este problema tenha raízes, ainda, em outros aspectos contemporâneos que, também, interferem na quantidade e qualidade de nossas experiências. Dentre os aspectos cito a racionalidade instrumental, a rara valorização do cotidiano e, principalmente, a educação do sensível muito deficiente. Educação do sensível que é, essencialmente, a educação dos sentidos perante os estímulos mais ordinários, corriqueiros e comuns do cotidiano (DUARTE JR., 2000, p. 27), ou seja, é um tipo de educação que tem papel relevante pra combater a contemporaneidade acomodada em uma rotina de experiências rasas. Se não bastasse, a sociedade da qual fazemos parte, inserida em uma política de consumismo exacerbado associado à falsa ideia de qualidade de vida, tem suas regras pautadas pelos hipnotizantes bens de consumo. Em muitos casos, nosso olhar encontra-se anestesiado a tudo que esteja além das rotinas de trabalho, das telas de computadores, *smarthphones* e *tablets* e, principalmente, para além dos objetos do consumo, muitas vezes, encontrados em excesso. Este é um agravante quando se trata da carência de experiências estéticas nas quais a educação do sensível se faz essencial. Assim, é preciso haver uma busca por

[...] experiências estéticas fora dos limites da mídia e dos *shopping centers*, experiências essas que [...] permitiriam a vivência de algumas das múltiplas formas de manifestação do belo, bem como o desenvolvimento de uma sensibilidade própria. Assim, não será demais insistir que a educação do sensível, antes de significar um desfile de obras de arte consagradas e de discussões históricas e técnicas perante os olhos e ouvidos dos educandos, deve se voltar primeiramente para o seu cotidiano mais próximo, para a cidade onde vive, as ruas e praças pelas quais circula e os produtos que consome, na intenção de despertar sua sensibilidade para com a vida mesma, consoante levada no dia-a-dia (DUARTE JR, 2001, p. 27-28).

Estar com a atenção voltada para o cotidiano ou para a cidade que nos rodeia é estar também atento às diferentes vivências diárias que são, sim, individuais, mas que, ainda assim, são extremamente coletivas já que sozinhos não construímos o mundo, seus significados e percepções. Nestes processos, que se dão na relação entre os paradoxos individual e coletivo, as paixões se fazem extremamente importantes. Sem paixão raramente existe a vontade de estar com o *outro* – que tanto pode ser outra pessoa, quanto o espaço que vivenciamos, ou nós mesmos – e fazer com que algo nasça e frutifique dessa relação. Ou seja, experimentar emoções é experienciar o mundo em forma de afeto. Afetos que se configuram em sociedade enquanto paixões em comum, o que é claramente próprio da estética e que favorece sempre – mesmo nas reflexões resultantes de experiências individuais – o pensar no *outro* e o agir inspirado pelo sentimento comunitário (MAFFESOLI, 1995).

MOVIMENTAÇÕES SOCIAIS POR MEIO DO AFETO

A paixão que move o mundo, que faz com que a existência caminhe de forma mais suave, tranquila e que, por vezes, se reflète de forma firme e decidida, realmente existe. Por exemplo, relaciono-me com determinadas pessoas e com elas convivo assiduamente, pois identifico-me e, assim, mantenho um laço de afeto e de comunhão. O que não é diferente quando me filio a um partido, ao estabelecer afinidades permeadas por paixão e respeito pelos ideais defendidos, e isso me conduz a uma determinada coletividade. Obviamente, nessas relações também são perceptíveis outros fatores como a vontade de fazer parte das coletividades e o anseio de me enxergar no *outro*. As paixões são cotidianas, banais, acompanham-nos quase que o tempo todo; inevitavelmente, nascem das (ou fazem nascer) experiências estéticas relevantes.

Contudo, por vezes as paixões se configuram exclusivamente no campo pessoal, afastando-se do seu papel social. Assim, em diversos casos, as paixões dão espaço aos interesses de outra ordem que não os relacionados ao afeto – interesses capitalistas, industriais e lucrativos, por exemplo, – e acabam por não estabelecer analogias estéticas e experimentais, mas por configurar relações ainda menos grupais e motivadas socialmente. O comprometimento e participação social das pessoas que compõem a sociedade contemporânea são considerados desnecessários, pois são vistos como desgastantes e ineficazes (BAUMAN, 2001). Além disso, a necessidade de motivações apenas racionais (próprias da modernidade e até hoje vistas enquanto prioridade), desestimula outros tipos de movimentos, como a criação e um lugar melhor para viver, a partir de experiências não apenas racionais. Mas, afinal de contas, qual a relação entre pessoas socialmente comprometidas e em movimento e seus desejos por um mundo mais suave e repleto de experiências com a realidade vivida na pós-modernidade?

Estar em consonância com o ritmo da movimentação social, ou seja, não estar acomodado e estagnado ao que se apresenta, é estar em constante transformação por alguma aspiração em comum. Existe coletividade neste processo, e existe, também, o desejo de reconfigurar o mundo com o olhar voltado ao *outro*. Trata-se de uma reestruturação. Por mim, pelos meus próximos e pela sociedade como um todo. Isso significa pensar em transformações guiadas a partir do afeto; é possível perceber amor nessa ação, e, vamos combinar, o amor tem pouco de racional. A modernidade iniciada em meados do século XX e a pós-modernidade – ou modernidade líquida, segundo Bauman (2001) – sustentam grande parte de suas aspirações no racional, no explicável e na universalidade. Não sobra espaço para a imaginação e para as possibilidades. Não raro, deixamos de perceber as peculiaridades de cada situação ou, até mesmo, a importância da coletividade no contexto social. E não é

que, então, novamente nos deparamos com o tal individualismo dito ultrapassado? Individualismo este que, lembrando, caracteriza nossas relações sociais tão coletivas de um lado (comunicação rápida e facilitada pela internet, agrupamentos de pessoas para assistir futebol, etc) e tão solitárias, de outro. Talvez a mudança de paradigma só aconteça quando, de fato, apreendermos que somos uma “coletividade individualista”.

Quem sabe se, caso os poderes individuais, tão frágeis e impotentes isoladamente, fossem condensados em posições e ações coletivas, poderíamos realizar em conjunto o que ninguém poderia realizar sozinho? Quem sabe... O problema é, porém, que essa convergência e condensação das queixas individuais em interesses compartilhados, e depois em ação conjunta, é uma tarefa assustadora, dado que as aflições mais comuns dos “indivíduos por fatalidade” nos dias de hoje são não-aditivas, não podem ser “somadas” numa “causa comum” (BAUMAN, 2001, p. 44).

Para Bauman, não existem mais lutas essencialmente coletivas; a pluralidade é tanta que os interesses em comum quase desaparecem. No entanto, relativizo tal opinião. Obviamente o que se realiza sozinho não tem a mesma força do que se realiza em conjunto; mas, nem sempre, a escolha das motivações em comum é um processo de responsabilidade exclusivamente nossa. Existem influências externas – como o Estado, o capitalismo ou a mídia – que, muitas vezes, nos induzem a acreditar em certas verdades (não raramente, verdades absolutas e unificadas como o que acontecia no século passado) e a agir de determinadas maneiras. Por vezes, parece-me cada vez mais difícil – devido, talvez, ao acesso (excesso) de informação constantemente vazias ou sobre as quais são atribuídos valores irreais – entendermos nosso processo de construção de conhecimento e avaliar se ele, realmente, acontece de forma adequada e esperada. O excesso pode confundir e, em um mundo onde a “guerra” parece cada vez mais uma “promoção do livre comércio por ou-

tros meios” (BAUMAN, 2001, p.19), tornamo-nos, gradativamente, reféns dessas motivações reais e manipuladoras, e quase imperceptíveis.

Tais influências externas dificultam o processo de construção de conhecimento e, assim, determinam as nossas próprias escolhas. Mas, em contrapartida – e assumindo novamente as minhas dúvidas em relação aos paradoxos vividos –, Maffesoli (2005) nos sugere que todas as manifestações contemporâneas relevantes e importantes. Desde assistir uma ópera até acompanhar uma novela, para o autor, são ações de extrema acuidade, pois assim como muitas outras, representam a contemporaneidade e ajudam a construir a percepção de mundo que temos hoje. Além disso, são essenciais para a construção de nossas personalidades. Se tais ações, banais ou não, nos representam enquanto seres e enquanto sociedade, é porque devem ser levadas em consideração como fonte de conhecimento e de experiências.

É muito importante lembrar que mesmo que para Bauman nossas atitudes cotidianas sejam cada vez menos motivadas socialmente e pareçam irrelevantes; e que para Maffesoli todas as vivências se estabeleçam de forma a prover resultados frequentemente, positivos, a falta de atenção ao nosso cotidiano é um aspecto que pode determinar a qualidade de nossa vivência estética e sensível. Além disso, fatores como a falta de atenção às experiências, políticas ou não, resultantes das nossas vivências diárias, além do descaso, ainda, com a educação para além das disciplinas tradicionais (com ementas e conteúdos programados que, muitas vezes, não permitem o vínculo entre conhecimento e vida cotidiana), são fatores que podem interferir negativamente na forma como experienciamos o mundo à nossa volta.

No século XXI, principalmente devido à popularização da internet, novos meios de comunicação surgiram e permitiram que nossas experiências fossem potencializadas e levadas para além do espaço físico e do *tempo* conhecidos. A internet e os ambientes virtuais pas-

saram a se configurar como espaços de troca e como promotores de comunhão social pelo viés da coletividade. Como se não bastasse, os ambientes virtuais se mostraram importantes aliados dos movimentos sociais – também, propulsores de experiências estéticas – já que desbancam muitas das informações manipuladas da mídia tradicional, permitem um diálogo mais democrático e fortalecem alguns laços sociais.

O ambiente tendencialmente interativo, cooperativo e descentralizado da Internet introduz um componente criativo nas lutas sociais (...) O que se busca é promover a disseminação de idéias e o máximo de intercâmbios. Poder interagir com quem quer apoiar, criticar, contestar (MORAES, 2001, p. 127).

Com a internet diversas possibilidades de relações sociais, de coletividades em torno de diferentes paixões em comum e de movimentações comprometidas socialmente são proporcionadas. Mas ainda faltam peças que finalizem esse grande quebra-cabeça denominado contemporaneidade. Independentemente do ponto de vista, otimista ou não, podemos perceber e interpretar a contemporaneidade como um época repleta de possíveis experiências nem sempre exploradas ao máximo. Uma hipótese talvez seja porque a carência de um saber sensível e, ao mesmo tempo, uma despreocupação, ainda, com alguns movimentos socialmente comprometidos se mostram constantes. A internet desvirtua, sim, muitos movimentos/conteúdos sociais ou mesmo desvaloriza diversos deles por meio de compartilhamentos de humor duvidoso e de dados irreais. Todavia, ainda assim, não faz inexistir os agrupamentos virtuais de cunho político e social, ou até mesmo, agrupamentos em torno de paixões cotidianas banais, tão importantes quanto os primeiros. *Web* e redes de comunicação virtuais se fazem importantes aliados nos processos de movimentação social crítica e, por isso, de conhecimento sensível.

A internet facilita a intercomunicação entre pessoas e agrupamentos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos. Além disso, desbanca a hierarquização do poder comunicacional, tirando-o, muitas vezes, das mãos das mídias tradicionais onde o processo de comunicação é vertical, e o entregando aos sistemas horizontais de diálogo que favorecem o pluralismo político-cultural (MORAES, 2001). As redes funcionam como espaços virtuais de encontro que permitem, não raro, uma espécie de territorialização na medida em que extrapolam a comunicação virtual e se tornam ações no espaço físico. Além disso, transpõem o ambiente virtual, também, no momento em que a comunhão, o afeto e o anseio pela coletividade deixam de ser desejos para se tornarem aspirações reais, mesmo que por meio da internet. É a vontade do convívio com o *outro* aliada ao desejo de se viver em um mundo mais sensível. Nessa esfera encontramos o ativismo e o infoativismo virtuais, ambos extremamente importantes como propulsores de pensamentos e ações críticas necessários à construção de um mundo mais democrático e compassivo, e, conseqüentemente, ferramentas fundamentais na busca de um mundo mais repleto de afeto.

Ativismo é a busca da transformação da sociedade por meio da ação. O ativismo está sempre ligado a um conjunto de princípios, em âmbitos diversos (SPRENGER, 2008), que suscitam uma movimentação que pode ser direta (de caráter físico, como manifestações de rua) ou indireta (através de meios que apresentam informações sobre as bandeiras levantadas, como o infoativismo). Assim, ativismo é a aplicação destes princípios em qualquer atividade, geralmente, de caráter revolucionário e contrário a um sistema consolidado e instaurado. Mas ainda, e para além disso, ativismo é uma demonstração de paixão e uma tentativa de tornar o lugar no qual vivemos mais sensível. Ou seja, quando nos propomos a lutar por alguma causa, estamos movidos por sentimentos de coletividade e de amor que nos fazem entender que

uma nova configuração social permitiria seres sociais de um determinado grupo ou tribo vivessem de forma mais feliz. Logo, a movimentação ativa da sociedade pressupõe, sempre, as aspirações, também, das experiências estéticas cotidianas e do saber sensível: o desejo de fazer parte das coletividades, a vontade de me enxergar no *outro* e reconhecê-lo como legítimo *outro* e, conseqüentemente, o anseio de estruturar nossas relações através do afeto. Falar em ativismo é automaticamente falar em movimentação ativa da sociedade. Se para Bauman estes movimentos – de cunho político, preocupados com as causas sociais no viés do público – estão escassos, as agitações virtuais vêm mostrar que isto pode estar começando a se configurar de forma diferente.

É possível perceber como o ativismo se faz presente nas redes sociais e como é facilitado, potencializado e, até mesmo, enriquecido através das discussões em tempo real e das informações descentralizadas próprias da internet. Além disso, podemos perceber e pensar o ativismo como ferramenta para propor uma nova maneira de se relacionar com os espaços que nos rodeiam e com as pessoas com as quais convivemos. É claro que existem diversas outras formas, já descobertas ou não, de fazermos nossa parte por um mundo mais sensível e de mobilizarmos a sociedade a buscar isso conosco. Todavia, as lutas em comum, permeadas por afeto, amor e reconhecimento do *outro*, são manifestações que se fazem em coletividade e que propiciam trocas de experiências individuais, construção de experiências em coletividade e, principalmente, proporcionam relações de afeto que através da internet podem se multiplicar e se fortalecer.

SABERES SENSÍVEIS

Pensar sobre o mundo à nossa volta e sobre as relações que estabelecemos não só com o *tempo* e *espaço*, mas também com as pessoas com as quais convivemos, significa avaliar nossas experiências estéti-

cas cotidianas e a relevância delas para nossa vivência diária individual e coletiva. Tais reflexões geralmente vêm acompanhadas de uma tentativa de compreender o lugar e a época na qual vivemos. A pós-modernidade, apesar de ainda possuir muitas características da modernidade vivida no século passado, configura-se de uma forma essencialmente mais coletiva socialmente, principalmente através da internet, e este fato interfere na forma como nos relacionamos com o mundo.

Mas se ainda nos falta maturidade, política ou sensível, para entendermos os tempos vividos e começarmos a repensar a pós-modernidade a fim de transformá-la em uma época mais sensível, talvez nos falte, também, determinadas reflexões. Refiro-me a repensar nossas experiências estéticas, a questão da valorização do cotidiano e o abandono da individualização das nossas ações enquanto seres e enquanto coletividades. Repensar as possibilidades oferecidas pela internet e suas ferramentas e entender a importância de cada experiência vivida, frívola ou não, são dois passos iniciais, porém fundamentais, para começar a configurar os espaços e as relações de forma mais amorosa. Associar estes passos à movimentação ativa da sociedade, e compreender e fazer ativismo como possibilidade de edificação de experiências afetivas em comum, é colaborar com a criação e com a multiplicação de saberes sensíveis.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

DUARTE JR., João Fransciso. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 234 f. Tese – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2000.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MAIA, Rousiley C. M. **Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação** [online]. Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2001. [citado em xxxxx]. Disponível em: <www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/Rousiley2001.pdf>. Acessado em: 10 de maio de 2014.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**

MAFFESOLI, Michel. **O elogio da razão sensível**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2003.

MORAES, Dênis de. **O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORAES, Dênis de. **O ativismo digital**. Rio de Janeiro: Bocc, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acessado em: 20 de abril de 2014.

PIMENTA, Francisco J. Paoliello e SOARES, Letícia Perani. **Euromayday 2004 e o ativismo político pela rede**. Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

SPRENGER, Lourdes. **Conceito de ativismo**. Porto Alegre: 2008. Disponível em: <<http://solidariedadeanimal.blogspot.com.br/2008/04/conceito-de-ativismo.html>>. Acessado em: 02 de junho de 2014.

VIRILIO, P. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.